

# O apagamento das vogais postônicas não finais em português: o papel do contexto fonético adjacente

Danielle Kely Gomes<sup>1</sup> e Alessandra de Paula Santos<sup>2</sup>  
UFF/UF RJ – Brasil

## Abstract

This paper aims to focus on the deletion in the posttonic medial vowel in representative data of Brazilian and Portuguese speech. Based on theoretical and methodological issues of Sociolinguistics Variationist, this work observes linguistic and social constraints that affect the occurrence of processes and the relationship between the reduction processes and social factors

**Keywords:** deletion, medial vowel, sociolinguistic factors, Brazilian and European Portuguese

**Palavras-chave:** apagamento, vogal postônica medial, fatores sociolinguísticos, português brasileiro e português europeu.

## 0. Introdução

O presente trabalho tem como foco a variação no vocalismo postônico não final, contexto que frequentemente tem sofrido variação e redução em português.

O sistema vocálico do português tem sido amplamente investigado, sobretudo no que tange a fenômenos que atuam sobre o contexto pretônico. Entretanto, há trabalhos que evidenciam a importância de investigar também os contextos postônicos, também suscetíveis a fenômenos variáveis.

Entre os fenômenos fonéticos que ocorrem no contexto postônico, neste trabalho destaca-se o processo de apagamento das vogais átonas não finais. A supressão da primeira vogal átona dos proparoxítonos – fenômeno enquadrado entre os processos de *síncope* – resulta na regularização dos vocábulos proparoxítonos em paroxítonos, conforme apontam os exemplos:

- (1) ár.vo.re > ar. vø. re > ar.vre
- (2) cócegas > co.cø. gás > cos.ca
- (3) sábado > sá.bø.du > sa.bø. øo > sabo

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972; 1994), este trabalho investiga a atuação dos condicionamentos fonéticos para a implementação da regra de apagamento da vogal postônica não final e o papel das variáveis sociais para a ocorrência do processo, em dados do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE).

## 1. As proparoxítonas

A sílaba postônica não final é própria das palavras proparoxítonas, o padrão acentual menos usual da língua portuguesa. A maior parte das proparoxítonas restringe-se a termos técnicos e pouco usuais, sendo raros os que persistem ainda hoje no vocabulário ativo dos falantes<sup>3</sup>, o que tem respaldo na passagem do latim para o português.

Como ressalta Collischonn (2005), a maior parte do léxico proparoxítono do português equivale a termos técnicos advindos do latim e do grego, que foram incorporados à língua no período renascentista. A autora afirma que, por serem minoria, as proparoxítonas são exceções e constituem o padrão marcado.

Segundo Magalhães (2004:165), no latim vulgar não havia palavras com acento antepenúltimo, o que se deve aos processos de síncope que atingiam as proparoxítonas através da queda da *vogal medial* (vogal da sílaba postônica não final): *oc[u]lus* > *oclus*; *alt[e]ra* > *altra*; *cal[i]dus* > *caldus*; (Coutinho, 1976: 107); *cal[a]mo* > *calmu* (Lausberg, 1981:159).

Dessa forma, as proparoxítonas tiveram entrada tardia no português, através de empréstimos eruditos do latim clássico e do grego. Mesmo no português arcaico, as raras palavras proparoxítonas se tornavam paroxítonas no uso. Segundo Quednau (2002:90), “do processo de síncope que ocorreu em latim vulgar resultou a não-ocorrência de proparoxítonas em português arcaico”, as poucas que eram conservadas se mantiveram por conta de dificuldades fonotáticas de ressilabação, caso a vogal postônica medial fosse apagada.

Como decorrência de tudo o que foi dito, no português atual, as proparoxítonas constituem a classe acentual com o menor número de itens lexicais, conforme

---

<sup>3</sup> Por vocabulário ativo entende-se o conjunto de palavras adquirido e usado no contexto familiar e informal, o qual incluiu apenas palavras de alta frequência e que são compartilhadas por todos os falantes da língua.

levantamento realizado de Araújo *et al.* (2007). Assim, o caráter restrito das proparoxítonas é refletido nos trabalhos que se debruçam a estudá-las.

Em relação a descrições sincrônicas do processo de síncope da vogal postônica não final, os trabalhos realizados sobre o tema são unânimes em destacar a pressão exercida pelo tipo de segmento que está adjacente à vogal: se há a possibilidade de a consoante que acompanha a vogal átona não final ser ressilabificada, a queda do segmento vocálico é favorecida.

Tal tendência, na verdade, é resquício do processo atuante desde o latim e citado por Quednau (2002): a síncope da vogal postônica não final, documentada – por exemplo – no *Appendix Probbi*, era favorecida, conforme salientam Williams (1961), Coutinho (1976) e Magalhães (op.cit), quando as consoantes no entorno desse segmento pudessem ser ressilabificadas, seja em direção à coda da sílaba tônica, seja em direção ao *onset* da sílaba átona final. Os trabalhos de cunho variacionista de que se têm notícia (Caixeta, 1989; Amaral, 2000; Silva, 2006; Lima, 2008; Ramos, 2009; Gomes, 2012), que investigam os processos de síncope em diversas variedades do português, também reafirmam que as consoantes no entorno da vogal são decisivas para a aplicação da regra de apagamento da átona não final.

## 2. Corpus, Metodologia e Hipóteses

Este trabalho baseia-se nos acervos dos projetos NURC-RJ (*Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro*), PEUL (*Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*), APERJ (*Atlas Etmolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*), levantadas no Estado do Rio de Janeiro de acordo com a metodologia sociolinguística variacionista e, para os dados da variedade europeia, no corpus *Concordância* (Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias).

O Projeto **NURC-RJ**<sup>4</sup> conta com informantes cariocas, de nível superior completo de escolaridade e distribuídos por três faixas etárias: de 25 a 35 anos; de 36 a 55 anos e 56 anos ou mais. O Projeto **APERJ**<sup>5</sup> inclui pescadores de 13 comunidades do Norte e do Noroeste fluminenses, todos homens, analfabetos ou escolarizados até a 4ª série do Ensino Fundamental (EF) e divididos em três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e 56 anos em

---

<sup>4</sup> [www.lettras.ufjf.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufjf.br/nurc-rj)

<sup>5</sup> Encontram-se informações acerca da constituição do corpus APERJ em [www.lettras.ufjf.br/varport](http://www.lettras.ufjf.br/varport)

diante). O Projeto **PEUL**<sup>6</sup> limita-se à capital do Estado e seus informantes dividem-se por três faixas etárias (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 e acima de 50 anos), três níveis de escolaridade (1º e 2º ciclos do EF e Ensino Médio) e por sexo. Para a análise do fenômeno na variedade europeia, foram utilizados os inquéritos do corpus **Concordância**<sup>7 8</sup> relativos às cidades de Oeiras/Lisboa, também estratificados em três faixas etárias e três níveis de instrução.

A investigação do apagamento das vogais postônicas não finais contou com 136 entrevistas do tipo DID<sup>9</sup>, sendo (i) 18 do Projeto NURC-RJ; (ii) 78 do Projeto APERJ; (iii) 25 entrevistas Projeto PEUL; (iv) 18 do projeto Concordância, das quais foram consideradas todas as ocorrências de proparoxítonas, em um total de 3316 dados. No controle de dados, utilizou-se o Programa Goldvarb2001, que auxilia a análise variacionista, para se verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos atuam nos processos de síncope das postônicas não finais.

No nível linguístico, controlaram-se as variáveis independentes: (i) contexto antecedente (ponto e modo de articulação das consoantes); (ii) contexto subsequente (ponto e modo de articulação das consoantes); (iii) classe do vocábulo – substantivo comum (*pérola*) ou próprio (*Teresópolis*), adjetivo (*célebre*) e verbo (*tivéssemos*) –; (iv) classificação lexical: termo usual (*número*), termo pouco usual (*víscera*), termo técnico (*polígono*), topônimo (*Teresópolis*) e antropônimo (*Mariângela*); (v) natureza da vogal da sílaba antecedente (tônica); (vi) natureza da vogal da sílaba subsequente (postônica final); (vii) posição da vogal na palavra – na primeira raiz (*folêgo*) ou fora dela (*centímetro*) e (viii) dimensão do vocábulo: trissílabo (*óculos*) ou polissílabo (*característica*). Entre os fatores extralinguísticos, foram controlados gênero, faixa etária e nível de escolarização do falante.

Considerando-se os trabalhos anteriores sobre processos que incidem sobre a sílaba postônica não final, postularam-se as hipóteses iniciais deste trabalho.

(i) Os contextos fonéticos adjacentes à vogal postônica não final manter-se-iam como os fatores condicionadores decisivos para a ocorrência do processo de apagamento da

<sup>6</sup> [www.lettras.ufjf.br/peul](http://www.lettras.ufjf.br/peul)

<sup>7</sup> [www.lettras.ufjf.br/concordancia](http://www.lettras.ufjf.br/concordancia)

<sup>8</sup> Vale destacar que o projeto Concordância é o único corpus relativo ao Português Europeu organizado a partir de uma orientação sociolinguística (amostra estratificada de acordo com os parâmetros sexo, faixa etária e escolaridade)

<sup>9</sup> Diálogos entre informante e documentador.

vogal átona medial em ambas as variedades analisadas, como um reflexo do princípio de uniformitarismo<sup>10</sup> (Labov, 1972, 1994);

(ii) haveria diferenças quantitativas consideráveis entre as variedades brasileira e europeia no que tange a ocorrência do processo de apagamento da vogal postônica não final: o português europeu – por conta de um processo histórico de enfraquecimento das vogais átonas – aplicaria com maior frequência a regra de apagamento; e

(iii) do ponto de vista dos condicionamentos sociais, a supressão da vogal postônica não final seria um fenômeno de baixo prestígio social, o que ficaria comprovado graças a atuação dos condicionamentos gênero do informante e escolaridade: mulheres e falantes com alto grau de escolarização tenderiam a aplicar com menor frequência a regra de apagamento da vogal átona medial.

### 3. Análise

O conjunto de 136 inquéritos do tipo DID usados na investigação acerca do processo de apagamento no contexto postônico não final apresentou 3316 ocorrências de proparoxítonas, incluindo todos os contextos de vogais postônicas não finais.

Os índices gerais de aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não final revelam duas tendências bastante particulares, que merecem considerações: por um lado, não há diferenças quantitativas significativas quando se comparam os três conjuntos de dados relativos à variedade brasileira; por outro, quando se contrastam os resultados verificados para o português brasileiro e a variedade europeia, observa-se que, no português europeu, os índices de aplicação são consideravelmente maiores. A Tabela 1 – a seguir – evidencia os percentuais gerais para a ocorrência do fenômeno em cada variedade analisada.

---

<sup>10</sup> Conceito tomado da Geologia, o princípio do uniformitarismo postula que “as forças que operam no presente para produzir a mudança linguística são as mesmas que operaram no passado” (Labov, 1972)

	<b>Amostra</b>	<b>Oco</b>
<b>Português Brasileiro</b>	<b>NURC</b> (fala culta urbana)	95/816 = 11%
	<b>PEUL</b> (fala popular urbana)	192/1317 = 14%
	<b>APERJ</b> (fala rural popular)	130/855 = 15%
<b>Português Europeu</b>	<b>Concordância</b> (fala urbana – culta e popular)	167/328 = 49%

Tabela 1. Distribuição dos dados por amostra.

Entre as variáveis postuladas para a investigação do fenômeno de síncope da vogal átona não final, revelaram-se estatisticamente relevantes as elencadas na Tabela a seguir. Os resultados são apresentados por amostra analisada, uma vez que o perfil sociolinguístico de cada corpus não permitia o tratamento em conjunto dos dados.

<b>NURC</b>	<b>PEUL</b>	<b>APERJ</b>	<b>Concordância</b>
	Ponto de articulação da consoante seguinte		
	Modo de articulação da consoante seguinte	Ponto de articulação da vogal postônica não final	
Modo de articulação da consoante seguinte	Ponto de articulação da consoante precedente	Modo de articulação da consoante seguinte	Modo de articulação da consoante precedente
	Ponto de articulação da vogal postônica não final	Ponto de articulação da consoante precedente	Modo de articulação da consoante seguinte
Faixa Etária	Dimensão do vocábulo	Modo de articulação da consoante precedente	Dimensão do vocábulo
	Modo de articulação da consoante precedente	Escolaridade	
	Faixa Etária		
	Gênero		
<b>Input inicial: .11</b> <b>Input de seleção: .07</b> <b>Sig.:.000</b>	<b>Input inicial: .14</b> <b>Input de seleção:.04</b> <b>Sig.:.000</b>	<b>Input inicial: .15</b> <b>Input de seleção: .07</b> <b>Sig.:.014</b>	<b>Input inicial: .49</b> <b>Input de seleção: .56</b> <b>Sig.:.015</b>

Tabela 2. Variáveis atuantes no apagamento da vogal postônica não final

Os resultados expostos acima deixam evidente a vitalidade do contexto fônico adjacente para a ocorrência do processo. Por essa razão, os resultados aqui apresentados

vão considerar as pressões exercidas pelas consoantes adjacentes à vogal postônica não final. A hipótese é a de que a possibilidade de ressilabificação das consoantes precedentes e subsequentes à vogal átona não final vai condicionar a queda desse segmento, processo histórico com raízes no latim.

### 3.1. Os condicionamentos linguísticos: o efeito do contexto fonético adjacente

#### 3.1.1. A consoante precedente

Esperava-se que nos contextos em que a queda da vogal postônica não final levasse a consoante a se anexar ou à coda da sílaba tônica, ou ainda ao *onset* da sílaba átona, o apagamento da vogal fosse favorecido. As consoantes que, a princípio, não encontram contexto favorável à ressilabificação não favoreceriam a regra.

Os resultados estão expressos na Tabela 3:

Consoantes	PEUL		APERJ		CONCORDÂNCIA	
	Oco	P. R.	Oco	P. R.	Oco	P.R
<b>Oclusivas e Fricativas (bêbado, ângulo, fósforo)</b>	116/849 = 13%	<b>.52</b>	125/693 = 18%	<b>.61</b>	140/212 = 66%	<b>.58</b>
<b>Nasais (ônibus, mínimo, número)</b>	73/296 = 24%	<b>.64</b>	4/114 = 3%	<b>.04</b>	15/43 = 34%	<b>.18</b>
<b>Laterais (cólica)</b>	1/58 = 1%	<b>.06</b>	0/34 = 0%	-	4/13 = 30%	<b>.25</b>
<b>Vibrantes (América, mérito, espírito)</b>	1/40 = 2%	<b>.09</b>	0/11 = 0%	-		
	<b>Input: .04 Sig.: .000</b>		<b>Input: .07 Sig.: .014</b>		<b>Input: .56 Sig: .015</b>	

Tabela 3. Efeito do *modo de articulação da consoante precedente* para o cancelamento da vogal.

No *corpus* APERJ, o apagamento é altamente favorecido quando a queda da vogal postônica leva à formação de *onsets* complexos na sílaba átona final, já que são as consoantes precedentes oclusivas e fricativas as que se mostraram mais relevantes (.61). Observa-se que as líquidas não atuam nesse sentido, ocorrendo praticamente o mesmo com as nasais (.04). Já os dados da amostra PEUL mostram as nasais como as mais propícias ao processo (.64), seguidas das oclusivas e fricativas (.52), resultado que destoa dos demais *corpora* e que, certamente, se deve às diversas ocorrências da palavra *ônibus* (44 apagamentos em 93 casos).

Para os dados do português europeu, nota-se que os índices expressos na tabela 3 refletem a tendência observada para as variedades populares do português brasileiro: a presença de consoantes oclusivas e fricativas no *onset* da sílaba postônica não-final tende a favorecer o apagamento da vogal átona medial (.58). As consoantes nasais e líquidas atuam como bloqueadoras da regra (.25 e .18, respectivamente).

Nos resultados verificados para o *corpus* NURC (Tabela 4), percebe-se que há uma convergência entre a fala culta e a fala rural da variedade brasileira no tocante à atuação dessa variável: as obstruintes não-nasais se revelam como favorecedoras e as nasais atuam como inibidoras do processo. Todavia, a diferença entre os contextos não é expressiva (.52 contra .40), o que – de certa forma – impede uma apreciação mais abrangente da variável no âmbito da fala culta.

NURC			Sig.: .060
Consoantes	Oco	P.R	
Oclusivas e Fricativas	82/587 = 13%	.52	
Nasais	12/128 = 9%	.40	
Laterais	0/20 = 0%	-	
Vibrante	0/46 = 0%	-	

**Tabela 4.** Índices da variável *modo de articulação da consoante precedente* – (nível 1): *corpus* NURC.

De forma a complementar a investigação acerca do papel do contexto fonético precedente à vogal, controlou-se também o ponto de articulação da consoante que antecede a postônica não final, como mostra a Tabela 5. Os dados do PEUL trazem indícios de confirmação da hipótese. Os resultados verificados mostram que as consoantes de articulação alveolar (.73) e velar (.63) favorecem a aplicação da regra. A hierarquia dos fatores talvez se explique pelo fato de o ponto de articulação alveolar reunir consoantes que tanto podem se anexar à coda da sílaba tônica (tornando-se /S/, /N/ e /l/) quanto ao *onset* da sílaba átona (/t/ e /d/), neste caso desde que haja nesse ambiente uma consoante líquida. As velares teriam seus contextos de ressilabificação restritos ao ataque da sílaba átona final.



Ponto de articulação	PEUL		APERJ	
	Oco	P. R.	Oco	P. R.
Labial ( <i>época</i> )	62/392 = 15%	<b>.34</b>	92/431 = 21%	<b>.74</b>
Alveolar ( <i>título, pérola, cócegas</i> )	99/473 = 20%	<b>.73</b>	17/152 = 11%	<b>.25</b>
Palatal ( <i>tínhamos, médico, último</i> )	11/323 = 3%	<b>.30</b>	8/154 = 5%	<b>.27</b>
Velar ( <i>óculos, fígado</i> )	19/55 = 34%	<b>.63</b>	12/104 = 11%	<b>.26</b>
	<b>Input: .04</b> <b>Sig.: .000</b>		<b>Input: .07</b> <b>Sig.: .014</b>	

Tabela 5. Efeito do *ponto de articulação da consoante precedente* para o cancelamento da vogal.

Os dados da fala rural (APERJ) revelam que o apagamento da vogal é mais produtivo e favorecido quando o *onset* da sílaba postônica não final é preenchido por uma consoante labial (.74), sendo desfavorecido pelas demais (alveolares, .25; palatais, .22 e velares, .26). Já na fala culta do PB e nos dados do Português Europeu, os resultados não se mostraram relevantes em termos probabilísticos, mas é pertinente que sejam apresentados (Tabela 6), a fim de serem observadas as regularidades encontradas:

Ponto de articulação	NURC		CONCORDÂNCIA	
	Oco	P. R.	Oco	P. R.
Labial ( <i>época</i> )	23/247 = 9%	<b>(.46)</b>	45/70 = 64%	<b>(.55)</b>
Alveolar ( <i>título, pérola, cócegas</i> )	24/269 = 8%	<b>(.45)</b>	101/178 = 56%	<b>(.47)</b>
Palatal ( <i>tínhamos, médico, último</i> )	14/186 = 7%	<b>(.41)</b>	4/8 = 50%	<b>(.40)</b>
Velar ( <i>óculos, fígado</i> )	33/79 = 41%	<b>(.86)</b>	9/12 = 75%	<b>(.67)</b>
	<b>Sig.: .000</b>		<b>Sig.: .005</b>	

Tabela 6. Índices da variável *ponto de articulação da consoante precedente* para o cancelamento da vogal – (nível 1): corpora NURC e Concordância.

No NURC, são as velares (.86) que favorecem o apagamento, enquanto as demais o inibem (labial, .46; alveolar, .45; palatal, .41). Tal resultado sugere a confirmação da hipótese, uma vez que as velares podem se ressilabificar em direção ao ataque da sílaba final, caso haja nesse contexto – como já se observou – uma consoante alveolar (no caso, uma líquida). Os resultados expressos na tabela 6 corroboram as tendências apontadas para o papel do contexto precedente: são as consoantes que podem ser ressilabificadas em

direção ao *onset* da sílaba átona final as que mais favorecem o processo de apagamento da vogal: as velares (.67), seguida das labiais (.55). Alveolares e palatais também parecem não atuar de forma significativa (.47 e .40, respectivamente).

### 3.1.2. A consoante seguinte

Partiu-se do princípio de que a presença de consoantes líquidas no ataque da sílaba átona final favoreceria a queda da vogal postônica, uma vez que tais consoantes podem tanto se anexar à coda da sílaba tônica, formando o padrão CVC nesse contexto, quanto figurar como segundo elemento de um ataque complexo, desde que haja no ataque da sílaba postônica não final uma consoante obstruinte (oclusivas e fricativas labiais), como está expresso na Tabela 7.

Consoantes	NURC		PEUL		APERJ		CONCORDANCIA	
	Oco	P. R.	Oco	P. R.	Oco	P. R.	Oco	P. R.
<b>Oclusivas e Fricativas (época)</b>	24/498 = 4%	<b>.36</b>	74/865 = 8%	<b>.50</b>	73/567 = 12%	<b>.47</b>	96/220 = 43%	<b>.41</b>
<b>Nasais (mínimo)</b>	14/162 = 8%	<b>.50</b>	41/268 = 15%	<b>.31</b>	1/72 = 1%	<b>.08</b>	47/84 = 55%	<b>.58</b>
<b>Lateral (óculos, círculo)</b>	47/77 = 61%	<b>.95</b>	54/95 = 56%	<b>.67</b>	12/68 = 22%	<b>.57</b>	9/11 = 81%	<b>.76</b>
<b>Vibrante (abóbora)</b>	9/60 = 15%	<b>.65</b>	17/78 = 21%	<b>.80</b>	41/133 = 30%	<b>.83</b>	9/12 = 75%	<b>.94</b>
	<b>Input:.07 Sig: .000</b>		<b>Input:.04 Sig: .000</b>		<b>Input:.07 Sig: .014</b>		<b>Input:.056 Sig: .015</b>	

Tabela 7. Efeito da atuação do *modo de articulação da consoante seguinte* para o apagamento da vogal postônica não final.

As líquidas, nas quatro amostras consideradas, favorecem o apagamento da vogal, embora se observem diferenças quanto aos pesos relativos e à hierarquia dos fatores. O *corpus* NURC se diferencia dos demais, no sentido de que a lateral, com peso relativo .95, se mostra mais significativa para o cancelamento do que a vibrante, que é o fator mais saliente nos outros dois *corpora* (PEUL, .80; APERJ, .83; Concordância, .94). Os resultados sugerem que o apagamento da vogal postônica não final é fortemente condicionado por licenciamentos na estrutura fonotática da língua, sobretudo quando a

queda do segmento vocálico átono não final possibilita a ressilabificação da consoante que o acompanha.

O controle do ponto de articulação da consoante seguinte vem a corroborar a tendência. Entretanto, a variável se mostrou estatisticamente relevante somente para a fala popular urbana da variedade brasileira (corpus *PEUL*).

	Consoantes	Oco	P. R.	
PEUL	Labiais (ônibus, último)	85/354 = 24%	.85	<i>Input: .04</i> <i>Sig.: .000</i>
	Alveolares (pássaro, pérola)	86/342 = 25%	.59	
	Velares (época, córrego)	15/603 = 2%	.22	

Tabela 08. Atuação do ponto de articulação da consoante seguinte para o apagamento da vogal – PEUL

Os dados do PEUL, apesar de serem reflexo de uma rodada ótima em termos probabilísticos (significância .000), sugerem uma tendência que não está de acordo com a hipótese postulada, uma vez que indicam como mais favorecedoras à queda da vogal as consoantes labiais (.85), seguida das alveolares (.59). Tal resultado, a princípio, contraria o que era esperado, já que consoantes labiais não poderiam figurar como segundo elemento de um ataque complexo, ao contrário das alveolares (sobretudo [l] e [r]).

Todavia, um olhar mais atento aos dados revela que os resultados trazem em si uma correlação pertinente. As consoantes labiais [p, b, m] no *onset* da sílaba átona final – [‘o.ni.bus] → [‘on.bus], [‘mĩ.ni.mu] → [‘mĩ.mu], [‘prɔ.si.mu] → [‘prɔs.mu] – podem favorecer o apagamento da vogal átona medial, desde que no *onset* da sílaba postônica não final haja uma consoante que possa ser ressilabificada em direção à coda da sílaba tônica. Dos fatores controlados, o único que pode atuar assim é o alveolar. Assim, a correlação entre o ponto de articulação precedente alveolar aos pontos de articulação das consoantes subsequentes pode trazer indícios para a compreensão do processo nos dados do PEUL (Tabela 9).

Ponto de articulação precedente	Ponto de articulação seguinte	Exemplos	Oco
Alveolar	Labial	ônibus	<b>72/187 = 39%</b>
	Alveolar	pássaro	<b>16/77 = 21%</b>
	Velar	única	<b>11/208 = 5%</b>

**Tabela 9.** Cruzamento do *ponto de articulação alveolar da consoante precedente* com o *ponto de articulação da consoante seguinte* – corpus PEUL.

A correlação revela que os resultados não são contraditórios, uma vez que respeitam as condições de estruturação silábica em português: labiais no *onset* da sílaba átona final favorecem o apagamento da vogal, quando o *onset* da sílaba postônica não final é preenchido por uma alveolar. Os índices parecem confirmar tal tendência no *corpus* PEUL (39%).

### 3.2. E os condicionamentos sociais?

Todo trabalho de cunho sociolinguístico procura observar de que forma aspectos relativos à constituição da comunidade de fala em análise incidem sobre os usos linguísticos dos indivíduos. Neste trabalho, esperava-se que o processo de apagamento da vogal postônica não final sofresse restrições sociais tanto na variedade brasileira quanto na europeia. Entretanto, notou-se que o fenômeno, que culmina na regularização das proparoxítonas ao padrão acentual *default* em português, não encontra restrições sociais na comunidade de fala portuguesa em investigação. A tabela10 revela que, no âmbito do português brasileiro, há sempre ao menos um condicionante social a interagir com fatores linguísticos para a aplicação da regra de apagamento da átona medial. Na tabela 10, expressam-se os resultados para os fatores sociais nos dados da variedade brasileira.

Corpus		Oco	P.R	
NURC <i>Faixa Etária</i>	Faixa 1 (18 a 35 a)	38/261 = 14%	.64	Input:.07 Sig.:.000
	Faixa 2 (36 a 55 a)	27/183 = 14%	.57	
	Faixa 3 (mais de 56a)	30/342 = 8%	.36	
PEUL				
<i>Faixa Etária</i>	Faixa 1 (18 a 35 a)	20/304 = 6%	.27	Input:.04 Sig.:.000
	Faixa 2 (36 a 55 a)	80/528 = 15%	.50	
	Faixa 3 (mais de 56a)	92/485 = 18%	.64	
<i>Gênero</i>	Homens	113/658 = 17%	.62	Input:.04 Sig.:.000
	Mulheres	79/659 = 11%	.37	
APERJ <i>Escolaridade</i>	Analfabetos	75/323 = 23%	.67	Input:.07 Sig.:.014
	Alfabetizados	55/526 = 10%	.38	

Tabela 10. Efeito dos condicionamentos sociais – português brasileiro

Com relação à atuação da variável *faixa etária*, os resultados verificados no *corpus* NURC mostram que os falantes das faixas etárias mais jovens aplicam a regra de apagamento da vogal átona medial com mais frequência do que os da faixa etária mais alta. Os índices probabilísticos confirmam o decréscimo na aplicação da regra: os valores dos pesos relativos diminuem à medida que se avança pelas faixas etárias (.64, .57 e .36 para as faixas 1, 2 e 3, respectivamente). Tal tendência pode ser atribuída ao fato de os jovens cultos serem menos conservadores em relação aos usos padrão.

No que se refere à amostra PEUL, os resultados expostos na tabela parecem indicar que os falantes mais velhos, com mais de 56 anos de idade, realizam muito mais formas sincopadas (.64) do que os falantes da faixa mais jovem. (.50 para faixa 2 e .27 para faixa 1). Percebe-se, ainda, que a faixa mais jovem utiliza mais as formas padrão, o que pode ser indício de que o processo de regularização dos vocábulos proparoxítonos em paroxítonos é uma variável sem prestígio social nesse grupo.

Em relação à atuação do condicionamento *gênero do informante*, relevante para o corpus PEUL, pode-se inferir que, no âmbito da fala popular urbana do português brasileiro, estamos diante de uma variável sem prestígio social. Quando a variação não é

um indício de um fenômeno de mudança em progresso, como mostram os resultados na perspectiva do tempo aparente, as mulheres tendem a utilizar as formas de prestígio muito mais do que os homens. Os resultados comprovam a primeira tendência com relação ao papel da variável gênero, descrito acima: os homens favorecem as formas com apagamento mais do que as mulheres (.62 e .37, respectivamente).

Sobre a atuação da variável escolaridade, relevante para o *corpus* APERJ, percebe-se que o apagamento da vogal postônica não final é mais produtivo na fala dos analfabetos do que na dos escolarizados (.67 contra .38). Tal resultado confirma a hipótese postulada, já que os falantes analfabetos, por não terem contato com a modalidade escrita, tendem a apresentar mais em sua fala as formas desprestigiadas socialmente. Vale destacar ainda que o conjunto de palavras proparoxítonas que fazem parte do acervo lexical ativo dos falantes do português é muito restrito, uma vez que a maior parte delas constituem termos técnicos ou eruditos.

No português europeu, conforme evidencia a tabela 2, somente variáveis linguísticas, relacionadas ao contexto fonético adjacente à vogal postônica não final e à dimensão da palavra proparoxítona, foram relevantes. Tal fato, de certa forma inesperado, suscita algumas reflexões, expressas a seguir.

#### **4. Reflexões sobre os resultados**

Os resultados discutidos na seção anterior levam a questionar o porquê de não ocorrer interação entre os condicionamentos linguísticos e sociais para a aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não final nos dados do Português Europeu. Uma possível explicação para esse resultado pode residir na relação entre os processos de alteamento e apagamento, considerando a ocorrência dos fenômenos tanto no português brasileiro quanto na variedade europeia.

É notória a maior produtividade do fenômeno de apagamento quando se confrontam as duas variedades continentais. No âmbito do português brasileiro, os índices gerais de aplicação da regra são relativamente próximos (*inputs* .07 para o NURC, .04 para o PEUL e .07 para o APERJ – conforme evidenciado na tabela 2), e revelam uma baixa ocorrência do processo. Uma possível justificativa para o comportamento da variedade brasileira pode estar vinculada ao fato de, nos contextos átonos do PB, ainda ser mais produtiva a regra de alteamento, conforme salientam diversos estudos (Camara Jr, 1979; Wetzels, 1992; Bisol, 2003; Bisol e Magalhães, 2004; Santos, 2010).

Isto leva a associar os processos de apagamento ao de alteamento: no PB, o apagamento em contexto postônico não final talvez seja pouco produtivo porque se observa variação na realização das vogais médias e altas nos contextos átonos. No PE, o processo de alteamento, em contexto pretônico, “se generalizou durante a primeira metade do século XVIII”, constituindo uma “mudança paradigmática, fonológica (não conficionada)” (Castro, 1991,259). Sincronicamente, em contexto postônico não final, só se observam, como mostram Mateus e d’Andrade (2000), as vogais [ɐ], [i] e [u], todas realizações altas. Enquanto, no PB, se mantém um quadro de variação estável nos contextos átonos, no PE, parece estar havendo uma tendência ao apagamento.

Assim, o apagamento da vogal postônica não-final no PE, por ser significativamente frequente (*input* .56) e corresponder a um processo que não se restringe a essa posição, atingindo outros contextos átonos, não seria marcado socialmente. No PB, o cancelamento, que eventualmente também ocorre em posição pretônica (beringela →bringela) parece ser objeto de valorização social: a tendência à preservação das vogais átonas implicaria uma valorização negativa das formas com o cancelamento da vogal. Os resultados das análises aqui realizadas, de certa forma, refletem esse quadro: na análise referente ao PE, não houve interação, só variáveis estruturais se mostraram salientes; nas referentes ao PB, pelo menos uma variável social foi selecionada (*corpus* NURC: faixa etária; *corpus* PEUL: gênero e faixa etária; *corpus* APERJ: escolaridade).

## 5. Considerações finais

As análises empreendidas neste trabalho permitem perceber que há convergências e divergências quantitativas consideráveis entre as variedades brasileira e europeia no que tange à aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não final. No que tange às *divergências*, notou-se que:

- ❖ os dados do português europeu revelam que, nesta variedade, há uma alta incidência da síncope da vogal postônica não final;

- ❖ os dados do português brasileiro – independentemente da norma sob análise – revelam uma relativa uniformidade nos índices gerais de ocorrência do fenômeno, que indicam para uma baixa produtividade do processo de apagamento da vogal postônica não final.

No âmbito das *convergências*, observou-se que, no que concerne à atuação dos condicionamentos fonéticos, há correlação – tanto na variedade brasileira quanto na europeia – entre o apagamento da vogal postônica não final e a ressilabificação das consoantes que a acompanham, reflexo de um princípio que atua desde o latim vulgar: quando a consoante que acompanha a postônica não final pode ser ressilabificada – principalmente em direção ao *onset* da sílaba átona final, há semelhanças consideráveis entre as variedades aqui analisadas.

Se há semelhanças qualitativas entre as variedades brasileira e europeia no que diz respeito à relação entre contexto fonético precedente/subsequente e a manutenção/apagamento da vogal postônica não final, como explicar as diferenças quantitativas salientes entre as variedades brasileira e europeia? Uma possível justificativa pode residir nas diferenças entre o vocalismo átono do português brasileiro e do português europeu.

As particularidades dos sistemas vocálicos átonos das variedades brasileira e europeia podem justificar as diferenças quanto à interação entre os condicionamentos linguísticos e sociais para a aplicação da regra no português brasileiro e no europeu:

- ❖ na variedade brasileira, o apagamento de vogais é objeto de valorização social – o processo de alteamento ainda é mais frequente; assim, a aplicação da regra de apagamento estará condicionada a um ou mais fator(es) extralinguístico(s);

- ❖ na variedade europeia, por outro lado, o processo de alteamento, concluído na pauta pretônica, estaria em vias de conclusão nas demais pautas átonas. O apagamento das vogais constituiria uma etapa seguinte ao processo de mudança no quadro vocálico átono.

## Referências

- Amaral, M. P. do (2000) *As proparoxítonas: teoria e variação*. Porto Alegre: PUC-RS. Tese de Doutorado em Letras.
- Araújo, G. A. de *et. Al* (2007) As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: \_\_\_\_\_ (org.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola. pp. 37-60.



- Caixeta, V. (1989) *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- Castro, I. (1991) *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Collischonn, G. (2005) A sílaba em português. In: Leda Bisol (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp. 101-133.
- Coutinho, I. de L. (1976) *Gramática histórica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Gomes, Danielle Kely (2012) *Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.
- Labov, W. (1972) The study of language in its social context. In: \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. pp. 183-259.
- \_\_\_\_\_ (1994) *Principles of linguistic change. Vol.1: Internal Factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- \_\_\_\_\_ (2003) Some sociolinguistic principles. In: Christina Bratt Paulston & Richard G. Tucker (eds) *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell. p. 234-250.
- Lima, G. de O. (2008) *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano*. Uberlândia: UFU. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- Magalhães, J. S. (2004) *O plano multidimensional do acento na Teoria da Otimidade*. Porto Alegre: PUCRS. Tese de Doutorado em Letras
- Mateus, M. H. M.; d'Andrade, E. (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Quednau, L. R. (2002) A síncope e seus efeitos no Latim e no Português Arcaico. In: Leda Bisol e Claudia Brescancini (orgs) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp 79-97.
- Santos, A. de P. (2010) *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa
- Silva, A. P. (2006) *Supressão da vogal átona postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense*. João Pessoa: UFPB. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

Williams, E. (1961) *Do latim ao português*. Trad. de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro:MEC/INL.